

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A CONCORDÂNCIA VERBAL:
UMA ABORDAGEM NO LIVRO DIDÁTICO**

Simone dos Santos França (UEMS)

anhin.1@hotmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

1. Introdução

Ao tratarmos dos temas: língua portuguesa e realidade linguística do Brasil torna-se importante discutir algumas questões, como por exemplo, considerar-se as diferentes variantes do português brasileiro, uma vez que o Brasil é um país multilíngue e conhecido pela sua diversidade. No entanto, a intolerância às diferenças gera discriminação por parte de muitos indivíduos de nossa sociedade. Assim, para admitir e aceitar essa diversidade é necessário deixar o preconceito de lado, tarefa nada fácil.

Um bom exemplo de polêmica causada envolvendo diversidade linguística e variação é a discussão gerada em torno de um dos itens presentes no livro didático “Por uma Vida Melhor”, da coleção “Viver, Aprender”, 2º segmento do ensino fundamental, na seção de língua portuguesa, publicada pela Editora Global, que provocou estranhamento entre professores e outros profissionais, no que se refere ao capítulo 1, intitulado: “Escrever é diferente de falar”. Esse capítulo trata da diferença entre “aprender a falar” uma língua e “aprender a escrevê-la”.

Aprendemos a linguagem oral (informal) desde o nosso nascimento, ouvindo os outros falarem. Desta forma, o ensino desta modalidade da língua não se dá pela sistematização. Não é preciso ir à escola para aprender a falar. Já, para aprender a escrever, é necessário que alguém nos ensine, mostrando que intencionalidade e sistematização são necessárias para o ensino da linguagem escrita.

No capítulo 1 do livro, além de serem ressaltadas outras características da linguagem escrita, a norma culta da língua portuguesa, tida “de prestígio”, é considerada como mais uma variante, dentre tantas outras existentes.

Observa-se, nos objetivos gerais de língua portuguesa dos PCN, a exigência de se “conhecer e valorizar as diferentes variedades do português, procurando combater o preconceito linguístico” (BRASIL, 1998 p.

33), permitindo, portanto, que o Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio (PNLEM) aborde as questões da variação e preconceito linguísticos nos livros didáticos adotados.

Assim, esse artigo foi organizado de forma a apresentar referências da trajetória e contribuições dos estudos de variação linguística para o ensino de línguas e em seguida uma análise dos capítulos dedicados à variação linguística e à concordância verbal, no livro didático *português de Olho no Mundo do Trabalho*, volume único, de Ernani Terra e José de Nicola. Por fim, tecemos algumas considerações a respeito da análise realizada.

2. O estudo da variação

Resgatando um pouco da história, encontraremos dados confirmando que a partir de meados do século passado, a área da linguística sofre mudanças significativas. É nesse momento que ocorre a conhecida virada paradigmática, quando os estudos linguísticos começam ser voltados, não mais para o sistema da língua em si, mas também a partir de seu uso. Desta forma, aparecem diversos campos de investigação que promovem uma relação de estudos interdisciplinares. Surgem, então, os estudos sociolinguísticos, dando início a sociolinguística, uma das subáreas da linguística que estuda a língua em uso nas diferentes comunidades de fala. Os olhares e pesquisas passam a voltar-se para as investigações que correlacionam questões linguísticas e sociais. A sociolinguística, iniciada na década de 60, ia ao encontro de desenvolver uma nova concepção do estudo da linguística. De forma bastante ampla, a nova disciplina pretendia dar conta da dimensão sócio-histórica de fenômenos linguísticos, ou seja, dos fatos referentes às variações, mudança linguística, interação entre língua e sociedade.

William Labov um dos nomes mais importantes da sociolinguística inaugura os estudos da teoria da variação em 1963, quando desenvolve uma pesquisa sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts (EUA). Após sua pesquisa, muitas outras surgiram, como por exemplo, a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova York e a língua nos guetos. Sem abandonar a noção de que o linguista estuda a língua, Labov concebe essa língua como forma de comunicação de uma comunidade de fala, que por ser sempre heterogênea, gera sistemas linguísticos heterogêneos e com regras variáveis.

É possível perceber que surgem diferenças em relação às propostas vigentes nas teorias linguísticas do século anterior, uma vez que a língua não é mais vista apenas como um sistema homogêneo e único. A sociolinguística propõe uma visão de língua como sistema heterogêneo e plural, através da qual, a língua se apresenta de diversas maneiras, dependendo do uso feito pela comunidade linguística em questão. A sociolinguística considera a variação como objeto de estudo, entendendo-a como um princípio geral e universal, que pode ser descrita e analisada cientificamente, partindo da ideia de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e/ou sociais.

O fenômeno da diversidade linguística em cada sistema se difere do que entendemos por multilinguismo. Um país pode apresentar mais de uma língua, como é o caso do Brasil, onde além do português, há aproximadamente 180 línguas indígenas e línguas dos grupos românico, anglo-germânico e eslavo-oriental, faladas em comunidades multilíngues português/italiano, português/espanhol, português/alemão, entre outras.

As contribuições de Labov nos ajudam a entender que a variação não se dá de forma livre, e sim social e linguisticamente condicionada. Suas pesquisas nos mostram evidências de que a variação é fenômeno constitutivo da língua, portanto, o sistema linguístico comporta regras variáveis que compõem um quadro heterogêneo e a língua passa a ser vista como conjunto de variedades que podem emergir de acordo com uma série de fatores extralinguísticos.

Não obstante, toda língua apresenta variantes mais prestigiadas do que outras, e os estudos sociolinguísticos apresentam valiosas contribuições no sentido de evitar preconceitos linguísticos e adequar a noção de erro, ao pretenderem descrever o padrão real que algumas escolas tendem a desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima. Os sociolinguistas têm-se voltado para a análise dessas relações e o preconceito linguístico tem sido um ponto muito debatido na área, de forma que ainda predominam as práticas pedagógicas enraizadas em diretrizes do tipo certo/errado, tomando-se como referência o padrão culto.

Tais práticas tradicionais não consideram que a tradição gramatical está baseada nos cânones da literatura romântica portuguesa, gerando, desta forma, um padrão artificial e anacrônico (FARACO, 2008), por isso, as regras de nossa tradição gramaticais não são plenamente seguidas pelos falantes de português brasileiro, nem mesmo os mais cultos, dando margem à discriminação e ao preconceito.

No entanto, não podemos desconsiderar a norma culta, isto é, um conjunto de variedades efetivamente utilizadas pelos falantes de português brasileiro, elemento essencial no ensino da língua. A norma culta é considerada pelos linguistas, como o conjunto de fenômenos normais nos usos linguísticos dos falantes cultos, e não um conjunto de prescrições que visam a normatizar os usos da língua. Por isso advogam que, bem mais adequado que assumir o julgamento de certo/errado, seria considerar que as formas linguísticas devem ser adequadas a uma determinada situação de interlocução e aceitam que a norma culta deva nortear o ensino de língua portuguesa, sem que se eliminem as outras formas linguísticas existentes fora e dentro da sala de aula.

3. A variação linguística e o livro didático

O livro didático escolhido para análise deste artigo foi *português de Olho no Mundo do Trabalho*, volume único, de Ernani Terra e José de Nicola. Conforme já apontado, a análise do material tem como objetivo verificar como a variação linguística é tratada no capítulo dedicado a esse tema, buscando observar como a concordância verbal, fenômeno linguístico bastante estigmatizado, é abordada.

Para alcançar nosso primeiro objetivo, procuramos, por meio da leitura do sumário do livro, os capítulos que tratam da variação linguística. Encontramos apenas um capítulo, intitulado “Níveis de Linguagem”. Prosseguimos, então, a sua leitura para identificar como o livro trabalha com as noções sociolinguísticas de língua, norma culta e variedades linguísticas. As perguntas que nortearam a análise foram:

1. A noção de língua é apresentada no livro? De que forma?
2. A importância de se conhecer a norma culta é explicada no livro?
3. O livro trata da existência das variedades linguísticas populares e demonstra respeito por elas?
4. O desprestígio da variedade linguística popular e o preconceito linguístico são mencionados no livro?

4. A abordagem da variação linguística no livro didático

Nesse momento passamos a análise da abordagem da variação linguística no livro didático, partindo das noções de língua, norma culta e variedades linguísticas populares, lembrando que para análise consideramos as perguntas norteadoras descritas anteriormente.

Constamos que no livro didático analisado, a língua é definida como “sistema de representação, constituído por palavras e por regras que as combinam em unidades portadoras de sentido, comum a todos os membros de uma determinada sociedade.” (TERRA & NICOLA, 2004, p. 17).

Percebemos que nessa definição, presente no segundo capítulo do livro, as variáveis não foram consideradas, mostrando-se, portanto, desalinhada com a abordagem sociolinguística. Porém, mais à diante, as questões do uso da língua de forma individual e do fato desse uso variar conforme o contexto (ou seja, elementos extralinguísticos), nível social e cultural do usuário e de para quem se está falando são ressaltadas, revelando-nos que a abordagem da variação é feita de forma velada e quase imperceptível.

O capítulo três “Níveis de Linguagem” é iniciado por um texto que propõe reflexão acerca do uso da linguagem. Nesse mesmo capítulo, encontramos uma entrada com o seguinte enunciado: “Nem certo, nem errado: Adequado!”, a seguir:

NEM CERTO, NEM ERRADO: ADEQUADO!

A primeira gramática da língua portuguesa foi publicada em Portugal, no ano de 1536. Reflexo do momento histórico – a Europa vivia o auge do movimento renascentista –, apresentava um conceito clássico de gramática: “a arte de falar e escrever corretamente”. Em outras palavras: só falava e escrevia bem quem seguisse o padrão imposto pela gramá-

tica normativa, o chamado nível ou padrão formal culto. Quem fugisse desse padrão incorria em erro, não importando o que, para quem e para que se estava falando. Qualquer que fosse o interlocutor, o assunto, a situação, a intenção do falante, era o padrão formal culto que deveria ser seguido.

Hoje, entende-se que o uso que cada indivíduo faz da língua depende de várias circunstâncias: do que vai ser falado e de que forma, do contexto, do nível social e cultural de quem fala e de para quem

Nesse momento é feita uma explicação a respeito do uso da utilização da norma imposta conforme a gramática normativa, chamada de “padrão formal culto”, já que os autores não usam a expressão “norma culta”, talvez para fugir da contradição entre norma culta e língua padrão,

que por vezes são postos como sinônimos. No livro é esclarecido ainda que o uso da língua deva seguir a intencionalidade de cada falante e “a linguagem do texto deve estar adequada à situação, ao interlocutor e à intencionalidade do falante”.

Em relação às variedades linguísticas populares, ainda no capítulo três, com os subtítulos: padrão formal e padrão coloquial, os autores fazem uma breve explicação do que seja “padrão culto”, e o que se considera “padrão coloquial”. Percebemos que os autores não usam, nesse momento, o termo “variante” e sim, “padrão” e não apresentam as variedades linguísticas populares de forma pontual. Como podemos ver na explicação do livro, a norma padrão coloquial é aquela que usamos em contextos informais, íntimos e familiares. Porém, mais adiante, ressaltam que a grande dificuldade atualmente por parte dos falantes de uma língua é adequar o nível de linguagem à situação real de uso, comentando ainda ser óbvio, que o registro de maior prestígio social seja o padrão formal culto exigido em concursos, relatórios etc., e finalizam dizendo que existem muitos mistérios entre o que chamam de “rebuscado” e “vulgar”, retomando um poema citado como exemplo de Carlos Drummond de Andrade que abre o primeiro capítulo do livro, também analisado por nós.

5. A abordagem da concordância verbal no livro didático analisado

Para iniciar essa parte da análise, decidimos expor o que os estudos variacionistas têm relatado referente à variabilidade da concordância verbal. Na sequência, apresentamos a abordagem em relação aos mesmos fenômenos pelos livros didáticos. Com isso, pretendemos verificar se o livro analisado pode ser considerado coerente.

Segundo Castilho (2010, p. 411) a concordância verbal é “a conformidade morfológica entre uma classe, (neste caso, o verbo) e seu escopo (neste caso, o sujeito).” Essa conformidade implica que as formas do sujeito e do verbo de um enunciado sejam redundantes, como no exemplo dado por Castilho (2010, p. 411): “As portas da cidade caíram ante o ímpeto das tropas invasoras”.

É importante ressaltar que a concordância verbal é tida como “bom uso da língua”. Desta forma, variedades cultas do português brasileiro exigem que sujeito e verbo concordem; mas o que podemos observar é que nem todos os falantes de português realizam a concordância verbal, em todos os seus usos linguísticos, mesmo em textos altamente

monitorados. Bagno (2011) mostra exemplos nos quais a concordância não é a adequada, conforme a gramática normativa, em textos escritos bastante monitorados, como por exemplo, textos jornalísticos, textos de autores consagrados da língua portuguesa, ou mesmo obras científicas da área de estudos da linguagem. A princípio, acredita-se que o nível socio-cultural do falante seja diretamente proporcional à prática da concordância. No entanto, de acordo com Castilho (2010, p. 413) “pode-se reconhecer que as regras de concordância são variáveis tanto entre brasileiros cultos quanto brasileiros não escolarizados”.

A partir da leitura do sumário do livro didático analisado, percebemos que há apenas um capítulo dedicado ao tema da concordância verbal – o décimo quinto intitulado, “*Sintaxe de Concordância*”. Na abertura do capítulo do livro encontramos um texto que serve como ponto de partida para a discussão do tema, uma vez que na sequência, traz uma série de atividades para serem desenvolvidas pelo aluno, dentre elas uma, onde o aluno deve reescrever algumas orações usando o plural ao invés de singular. Em outro exercício da mesma série pede-se ainda que sejam utilizadas as palavras “meio”, “meia”, “meias”, “meio”, de forma correta, o que exige conhecimento prévio das regras de concordância neste caso nominal. Há também um exercício que trata da harmonia entre verbo e sujeito, que também trata de concordância verbal.

Na sequência, temos uma definição de concordância e, em seguida, faz-se a distinção entre concordância verbal e nominal e suas regras. Primeiramente, observamos a regra geral acompanhada de um comentário a respeito das dificuldades oferecidas, não pela regra geral, mas pelos demais casos em que não são utilizados, conforme as normas gramaticais normativas. E que quanto aos casos específicos que fogem a regra geral, há a exposição dos conflitos entre gramáticos. Na continuação apresenta-se uma série de regras chamadas pelos autores como “casos particulares” e seus respectivos exemplos. No final do capítulo nos é apresentado uma sequência de exercícios intitulada “*A Teoria na Prática*”. No exercício de número um, o fragmento de um texto é exposto e logo a seguir pede-se que seja justificada a concordância de um dos termos do texto.

Nesse décimo quinto capítulo reservado à concordância, encontramos um bloco de exercícios que busca mostrar a relação da concordância verbal com o texto. No entanto, por se tratar de obra literária, o texto selecionado, às vezes permite a transgressão em relação à tradição gramatical, como podemos observar a seguir:

Ateoria na prática

1. "Acabavam de soar as 9 e três quartos no relógio do castelo e ele a nada se atrevera ainda. Indignado com a própria covardia, Julien pensou: 'Precisamente no momento em que o relógio bater 10 horas, hei de executar o que durante todo o dia me comprometi a fazer, ou então subo ao meu quarto e rebento os miolos.'" (Stendhal, *O vermelho e o negro*. São Paulo: Abril, 1979, p. 60.)
Com relação ao texto acima:
 - a) Justifique a concordância de "acabavam de soar".
 - b) Qual a função sintática de "no relógio do castelo"?
 - c) Justifique a concordância de bater.
 - d) Reescreva o fragmento "Precisamente no momento em que o relógio bater 10 horas...", omitindo o termo o relógio.
2. Mude o verbo de acordo com as alterações propostas para o sujeito.
 - a) O senador vai se filiar a outro partido.
O senador e o deputado * a outro partido.
Os parlamentares * a outro partido.
 - b) Os jovens de periferia têm valores próprios.
A geração *shopping center* * valores próprios.
Você e eu * valores próprios.
 - c) O turista argentino prefere o litoral de Santa Catarina.
O turista argentino e o uruguaio * o litoral de Santa Catarina.
Os turistas paraguaios * o litoral de Santa Catarina.
Tu e eu * o litoral de Santa Catarina.

Acreditamos que a questão da variação da concordância verbal não deveria ser abordada a partir de um texto literário apenas. Em nossa opinião, fazer isso é seguir a tradição gramatical, arranjando explicações para os chamados "desvios" dos escritores, justificando seus usos da língua e tratando os usos dos usuários comuns da língua como "erro".

6. Considerações finais

Em nossa sociedade, presenciamos, por diversas vezes, atitudes que demonstram o preconceito linguístico. Seja por uma questão social ou econômica, isso acontece porque existe uma grande parte da população que faz uso das variantes estigmatizadas, por não serem as de prestígio.

A discussão referente ao livro didático para o ensino de jovens e adultos "Por uma Vida Melhor" é apenas mais uma amostra do grande preconceito linguístico que permeia nossa sociedade. Não obstante, o livro traz uma proposta de ensinar a norma culta da língua atentando para a variabilidade do fenômeno da concordância. E como sua proposta foi interpretada de forma equivocada, gerou polêmica envolvendo mídia, professores e linguistas. No entanto, entendemos que o enfrentamento do preconceito linguístico em nossa sociedade precisa ser feito. Cabe a cada professor buscar a melhor forma de contribuir para diminuir o preconceito linguístico.

É justamente para contribuir com o trabalho do professor de lín-

gua portuguesa em sala de aula que investigamos no livro didático de ensino médio *português de Olho no Mundo do Trabalho*, volume único, de Ernani Terra e José de Nicola, com o objetivo de observar como a questão da variação linguística é abordada. E com essa investigação, descobrimos que o livro mostra ao aluno que a língua varia, mas não o faz de forma detalhada e adequada, já que não aborda a variação social e alguns termos são evitados pelos autores talvez para não causar confusão.

No que se refere ao tratamento da concordância verbal, no décimo quinto capítulo, dedicado a esse tema, são apresentadas as regras prescritas pela tradição gramatical para a norma-padrão. Depois, essas regras são pedidas em exercícios com frases retiradas de texto e algumas descontextualizadas, o que leva a ideia, popularmente conhecida, de que “o português é difícil”.

Constatamos ainda que o livro anuncia que as variedades linguísticas existem e devem ser usadas conforme as necessidades de comunicação de usuário da língua, mas não é capaz de explicar melhor essas variantes ou mesmo discutir a questão das variedades linguísticas populares – o que não contribui para o combate ao preconceito linguístico.

Consideramos que o livro didático analisado tenha buscado levar ao entendimento de que a língua varia, no entanto, não deixa claro, em que sentido tal variação acontece. Porém, ao abordar a diferença nos fenômenos linguísticos e comentar que existem formas de linguagem estigmatizadas, isto é, de menos prestígio, o livro faz seu leitor lembrar que a linguagem é um fenômeno variável e que as diferentes variedades do português devem obedecer a uma gramática normativa.

Por fim, rezeamos afirmar que o livro discuta o preconceito que recai sobre as variedades linguísticas populares, com clareza. Em nossa opinião, o livro não discute o fato das variedades populares serem “todas válidas”, nem busca debater os motivos que as levam ser estigmatizadas. O obscurantismo que recobre as explicações dos autores nesse ponto especificamente, não ajudará no combate ao preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. A. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros curriculares na-*

cionais para o ensino médio: Parte II – Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2000.

_____. Secretaria da Educação Básica; Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação. *Língua portuguesa: catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio: PNLEM/2009.* Brasília: MEC/SEB, 2008.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.* Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro.* São Paulo: Contexto, 2010.

CHOMSKY, N. Aspectos da teoria da sintaxe. SAUSSURE, F.; Jakobson, R.; HJELMSLEV, L. T.; CHOMSKY, N. *Textos selecionados.* São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós.* São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov.* Petrópolis: Vozes, 2000.